

MARCAS DISCURSIVAS DOS SENTIDOS CURRICULARES INSCRITOS NAS PRÁTICAS CURRICULARES DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS NO COTIDIANO PANDÊMICO DA COVID-19

TAMIRES BARROS VELOSO

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Mestre Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tamiresbarros32@mail.com.

RESUMO

Este artigo parte de uma compreensão de que o currículo não se restringe apenas ao pensado nas políticas consideradas oficiais, este também se constitui nas vivências que emergem das práticas curriculares cotidianas (SILVA; GONÇALVES; ALMEIDA, 2018), tem o objetivo de analisar os sentidos curriculares inscritos nas práticas curriculares de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em processos de ensino-aprendizagem remotos no cotidiano pandêmico da COVID-19. Para atingir esse objetivo, recorremos a uma abordagem qualitativa centrada na Teoria do Discurso (LACLAU; MOUFFE, 2015), aplicamos um formulário com professoras dos anos iniciais de Caruaru, Pernambuco. A partir da análise de seus discursos, evidenciamos que suas atuações estiveram atravessadas por diferentes discursos políticos conflitantes, demonstrando que apesar de um cenário que impôs isolamento aos seus corpos, a produção de suas práticas curriculares não estivera submetida em sua totalidade a práticas discursivas de isolamento curricular, pôde-se dar vida a um currículo que fizesse sentido com o pensar-viver cotidiano escolar nesse contexto.

Palavras-chave: Currículo; Prática curricular; COVID-19.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo inscreve-se no campo das discussões sobre currículo, e de modo específico, sobre a construção cotidiana do currículo nas práticas curriculares de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, investigamos a produção discursiva curricular dessas práticas no desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem remotos no cotidiano pandêmico da COVID-19.

Partindo da premissa que o currículo não se restringe apenas o pensado na políticas consideradas oficiais, este também se constitui nas vivências que emergem das práticas curriculares cotidianas. Compreendendo, assim, que professores ao desenvolverem sua prática atuam politicamente, pensando-vivendo o currículo através do jogo discursivo de negociação, articulação e produção de sentidos curriculares (SILVA, 2020).

Nessa direção, nos vinculamos, a um sentido de prática curricular que parte de uma noção de currículo enquanto espaço político de significação, que visa superar binarismos entre o pensar e o viver o currículo, entendendo que esse é pensado-vivido num movimento constante de negociações-articulações no cotidiano escolar (SILVA; GONÇALVES; ALMEIDA, 2018; SILVA, 2020; FERRAÇO, 2017).

Nessa direção, este artigo tem como objetivo analisar os sentidos curriculares inscritos nas práticas curriculares de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em processos de ensino-aprendizagem remotos no cotidiano pandêmico da COVID-19. Para atingir esse objetivo, recorreremos a uma abordagem qualitativa centrada na Teoria do Discurso (LACLAU; MOUFFE, 2015). “Essa análise forneceu elementos que possibilitaram conhecer como acontece a relação entre os discursos pensado e vivido, possibilitando ainda compreender a realidade social enquanto realidade discursiva, sem com isso negar a materialidade dos objetos” (MELO; LEITE; ALMEIDA, 2018, p. 3).

Assim, na busca de compreender os sentidos curriculares nas práticas curriculares produzidas no cotidiano pandêmico, aplicamos um formulário com professoras dos anos iniciais do município de Caruaru, agreste pernambucano. Nesse viés, buscamos construir, com base na perspectiva teórica-metodológica que assumimos, sentidos a partir dos discursos das professoras, compreendendo que esses estão inseridos em um contexto histórico e social que demarcou a sua produção discursiva. Nessa direção, “[...] a teoria do discurso não se limita somente a reaver e reconstruir

os significados destas práticas, mas ao fazê-lo, analisa o meio pelo qual forças políticas e atores sociais constroem significados, inseridos em estruturas sociais incompletas e indecíveis”. (ARAÚJO, 2015, p. 93).

2. CURRÍCULO E PRÁTICA CURRICULAR EM UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA: SENTIDOS EM DISCUSSÃO

A Teoria do Discurso (LACLAU; MOUFFE, 2015; LACLAU, 2011), como abordagem que mobilizamos em nossa pesquisa, emerge da necessidade de questionarmos fronteiras hierarquizadoras supostamente estabelecidas entre o que seria currículo e o que seria prática curricular na produção curricular, contribuindo para que atuemos com a impossibilidade de fixações dualistas às possibilidades de explorarmos as análises de seus sentidos enquanto discursos que mutuamente se produzem, em uma perspectiva de articulação discursiva.

A noção de articulação a partir da Teoria do Discurso, em Laclau e Mouffe (2015), traz uma importante contribuição quanto à compreensão de como se dão os processos de significação no social, partindo da premissa de que qualquer prática no social se constitui discursivamente, ou seja, “[...] não tem um plano de constituição anterior ou exterior à dispersão dos elementos articulados”. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 183).

Com base nesse entendimento de qualquer fenômeno no social como formado discursivamente, ou seja, uma totalidade relacional de produção de sentidos (LACLAU, 2011), nos vinculamos à emergência de discursos políticos e acadêmicos que não buscam projetar sentidos para a prática curricular, mas que a percebem enquanto prática social como uma produção discursiva curricular, “[...] que se produz histórica e contingencialmente a partir de disputas e negociações [...]”. (MELO; ALMEIDA; LEITE, 2020, p. 2020). Nessa direção, a prática curricular é percebida e defendida em nossa pesquisa como espaço de articulação política e de negociações de diferentes discursos políticos, dentre eles, do que vem a ser currículo.

Assim, o que estamos tomando por prática curricular, se articula o que compreendemos por currículo, pois ambos, se expressam discursivamente a partir dos sentidos parciais aos quais nos vinculamos, em uma relação de interdependência de significação, e partem também, da construção de uma compreensão que visa a necessidade de superar binarismos entre o pensar e o viver o currículo, entendendo que o currículo

é pensado-vivido em um movimento de constante organização e desenvolvimento (SILVA; GONÇALVES; ALMEIDA, 2018; SILVA, 2020; FERRAÇO, 2017).

Nessa direção, o sentido que nos vinculamos de prática curricular, “[...] parte de uma noção de currículo como movimento que relaciona planejamento, organização, seleção, conteúdos, estratégias, avaliação e tantas outras dimensões do pensar-viver a aula e a sala-de-aula”. (SILVA; GONÇALVES; ALMEIDA, 2018, p. 127). Partimos então, de uma concepção, parcial, de prática curricular como um complexo movimento discursivo, envolto de processos de negociações curriculares mobilizados a partir das articulações discursivas do/no currículo pensado-vivido.

A partir disso, estamos compreendendo o currículo como produção político-discursiva, que se coloca em negociação a todo momento na luta por significação, nesse caso, do que vem a ser planejamento, conteúdo, estratégia didático-metodológica, avaliação, dentre outras questões que envolvem o saber-fazer curricular em sala de aula.

O currículo como projeto formativo, como articulação entre as políticas e as práticas, como elemento vivenciado numa prática institucional, qual seja, a prática pedagógica e, mais especificamente, na prática docente, é visto materializado nas práticas curriculares, estas encontradas nos conhecimentos dos professores, ou seja, nos conhecimentos que eles mobilizam em sua atuação profissional, bem como, em seus fazeres, entendidos como as ações que realizam em sua atuação. (ALMEIDA et al., 2020, p. 435).

Nesse sentido, prática curricular se constitui na “[...] materialização e também possibilidade de criação de novos currículos, novas práticas, novas maneiras de ser e estar na docência”. (SILVA, 2020, p. 52-53). Nesse ínterim, estamos considerando a prática do/a professor/a como um dos espectros de organização, negociação, articulação e produção curricular, buscando ultrapassar discursos que apontam apenas para um caráter de mera reprodução de currículos produzidos por outros.

Assim, “[...] tomamos o currículo e as práticas curriculares como tramas discursivas empreendidas no cotidiano, que se ancoram em sentidos já existentes ao passo que também inrompe [sic] com esses”. (SILVA; GONÇALVES; ALMEIDA, 2018, p. 124). Nessa direção, ultrapassando a ideia do currículo apenas como o pensado na política considerada oficial, este é também as vivências que emergem das práticas curriculares cotidianas, compreendendo que professores/as ao desenvolverem sua

prática atuam politicamente, pensando-vivendo o currículo através do jogo discursivo de negociação e produção de sentidos curriculares (SILVA, 2020).

PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Como tratamos, estamos partindo de uma perspectiva que compreende currículo e prática curricular como indissociáveis, enquanto discursos que se produzem mutuamente, em uma perspectiva de articulação com base na Teoria do Discurso (LACLAU; MOUFFE; 2015), Nessa perspectiva, articulação não diz respeito a uma relação de necessidade ou de justaposição, mas que resulta, inexoravelmente, na modificação das identidades articuladas (MENDONÇA, 2014a).

[...] a prática de articulação, como fixação/deslocamento de um sistema de diferenças não pode consistir em fenômenos puramente linguísticos; mas deve, ao contrário, atravessar toda densidade da multiplicidade de instituições, rituais, práticas através das quais uma formação discursiva é estruturada. (LACLAU; MOUFFE, 2015, p. 183).

Desse modo, atuar com a operação de articulação discursiva como categoria analítica nos possibilitou operar não apenas questionando sentidos instituídos, mas perceber as contingências que tornaram possível a estabilização de certos sentidos curriculares na produção discursiva das práticas curriculares das professoras no cenário pandêmico da COVID-19.

Frente a isso, para atender nosso objetivo, aplicamos um formulário com professoras do ensino fundamental estabelecendo como critérios de seleção: serem professoras de escolas públicas no município de Caruaru e estarem atuando nos anos iniciais do ensino fundamental, por partimos de um espaço formativo de ensino público inscrito nessa região do agreste e considerarmos que uma das funções sociais da Universidade através da pesquisa é produzir reflexões e análises sobre as realidades que lhe cercam. Demarcamos também, como critério que possuísem experiência entre 2 a 5 anos ou mais na docência, ou seja, que não se tratasse de professores iniciantes, o que as inscrevem em uma produção discursiva diversificada de experiências e aprendizagens profissionais.

Sendo assim, para atender aos critérios demarcados, construímos um formulário no Google Forms® e utilizamos como estratégia, que nos possibilitou encontrar virtualmente as professoras colaboradoras desta

pesquisa, o compartilhamento nas redes sociais (Facebook e Instagram) e em grupos de WhatsApp e Telegram., tendo em vista que, a Secretaria de Educação (SEDUC) e as escolas se encontravam nesse período (segundo semestre de 2020) restrita para visitas presenciais por causa da pandemia da COVID-19 que se propagava nesse período no Brasil e no mundo.

A partir disso, conseguimos respostas de 21 professores ao nosso formulário, analisamos as respostas e fizemos uma seleção dos que atendiam os critérios e perfil que havíamos delimitados, oito professoras foram selecionadas. A seguir, sistematizamos, no quadro as informações que caracterizam o perfil socioprofissional destas profissionais.

Quadro 1 – Perfil socioprofissional das professoras-colaboradoras da pesquisa

Nomes	Categoria	Formação	Tempo de atuação
1 Baião	Professora	Pedagogia	4 anos
2 Xaxado	Professora	Pedagogia	Não informou
3 Xote	Professora	Normal Médio/Pedagogia	14 anos
4 Arrasta-pé	Professora	Pedagogia	17 anos
5 Pé-de-serra	Professora	Letras	20 anos
6 Zabumba	Professora	Pedagogia	15 anos
7 Rojão	Professora	Biologia	25 anos
8 Marcha	Professora	Letras/Pedagogia	Não informou

Fonte: A Autora (2021)

Ressaltamos que os seus nomes fazem referência ao título de “capital do forró” que leva Caruaru, como todas as colaboradoras são pertencentes a esse município, decidimos por nomeá-las com as variações e instrumentos que caracterizam o forró nessa região e de modo geral no nordeste brasileiro, como enfatizado na tabela, a fim de garantir o anonimato de suas identidades na pesquisa, fazendo inferências às características do contexto geográfico em que estão inseridos, nesse caso elementos que culturalmente constituem a forma como a cidade se fez e é com recorrência conhecida.

Nesse viés, buscamos construir, com base na perspectiva teórica-metodológica que assumimos, sentidos a partir dos discursos das professoras inscritos em processos curriculares remotos no cotidiano pandêmico da COVID-19, nos afastando “[...] de fixações e fechamentos, desvelando, por sua vez, um movimento político-curricular que visa

assegurar a pluralidade de saberes-fazer e a valorização das práticas cotidianas [...]”. (SILVA, 2020, p. 96-97).

4. SENTIDOS CURRICULARES INSCRITOS NAS PRÁTICAS CURRICULARES DOCENTES NO CENÁRIO PANDÊMICO DA COVID-19

Como tratamos, estamos partindo de uma perspectiva que compreende currículo e prática curricular como indissociáveis, enquanto discursos que se produzem mutuamente, em uma perspectiva de articulação com base na Teoria do Discurso (LACLAU; MOUFFE; 2015), Nessa perspectiva, articulação não diz respeito a uma relação de necessidade ou de justaposição, mas que resulta, inexoravelmente, na modificação das identidades articuladas (MENDONÇA, 2014a).

A partir dos discursos das professoras produzidos através dos formulários, as referências dos programas de ensino em suas versões digitalizadas (Simplifica; IQE); a preocupação com o desenvolvimento da aprendizagem dos/as alunos/as e a relação da família com as atividades escolares em casa; as condições de organização e desenvolvimento do trabalho docente remoto; e o confinamento e distanciamento social emergiram como marcas discursivas recorrentes no que se refere aos sentidos produzidos sobre os currículos desenvolvidos em suas práticas curriculares no cotidiano pandêmico da COVID-19.

“A prioridade está sendo em duas disciplinas Língua Portuguesa e Matemática, o que gera uma preocupação referente as outras”. (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA BAIÃO, 02/11/2020), identificamos nesse discurso da professora uma referência a lógica dos programas de ensino organizados pelo Instituto Qualidade no Ensino (IQE), que elabora textos “[...] com foco nos componentes curriculares prioritários das políticas avaliativas, ou seja, português e matemática”. (SILVA, 2020, p. 179).

Esse instituto vem atuando em Caruaru desde 2017 a partir de uma parceria estabelecida com a Secretaria de Educação do município, mas só iniciou suas ações de forma específica nas escolas municipais em 2018, promovendo formações e incorporando nas escolas materiais didáticos que intencionam centralizar o desenvolvimento do currículo na prática dos/as professores/as em função dos objetivos das avaliações externas (MELO, 2019; SILVA, 2020).

No entanto, em 2020, evidenciamos a descontinuidade dos seus programas de ensino nas escolas municipais de Caruaru e a sua substituição

inicialmente pelos programas de ensino do Simplifica, que embora resguarde especificidades, visa assim como o IQE regular e exercer controle sobre os currículos desenvolvidos nas práticas curriculares (SILVA, 2020).

Assim como também, se evidenciou o inverso, o “retorno” do IQE a partir da incorporação de um conjunto de cadernos de atividades digitalizadas, consideradas, como apresentado na introdução desse material, “adaptadas” e “contextualizadas” o cenário de ensino-aprendizagem remoto emergencial, resultando na descontinuidade dos programas de ensino do Simplifica que inicialmente tinha lhe substituído. Esses processos de rupturas ou descontinuidade são marcas, como apontando por Almeida, Leite e Santiago (2013), “[...] das políticas educacionais, que pretendem criar processos de padronização da educação”. (ALMEIDA; LEITE; SANTIAGO, 2013, p. 127).

Frente a isso, enfatizamos que o contexto pandêmico se constituiu como uma oportunidade adicional para replicação dessas propostas políticas que visam estabelecer procedimentos de padronização na educação, e mais nomeadamente no currículo. O retorno do IQE com atividades supostas como adaptadas, significou, a partir de nossa análise, “o retorno do que nunca foi”, pois, essas atividades se estabeleceram mais num copilamento de atividades já existentes com o adicional de algumas referências a situação de pandemia para se referirem como “contextualizadas” a esse cenário, do que de fato a construção de “novas soluções” às demandas curriculares emergidas com ensino-remoto emergencial (MACEDO, 2021).

Mais rápido que o vírus, parece que o ensino/aprendizagem padronizado, testável e quantificável está colonizando políticas e a imaginação de pais e educadores. As políticas educacionais isolam conhecimentos e sujeitos - da mesma forma que o SARS-CoV-2 faz com nossos corpos - e, aos poucos, tenta normalizar a ideia de que o isolamento é a melhor estratégia (MACEDO, 2021, p. 9, tradução nossa).

Nessa direção, referências aos discursos das políticas desses programas de ensino (Simplifica e IQE) emergiram nos discursos das professoras-colaboradoras da pesquisa como influências políticas na construção dos sentidos de currículo, demonstrando que, para além de funcionar como “[...] um mecanismo de controle sobre os modos como os professores “devem” materializar suas práticas curriculares”. (SILVA, 2020, p. 178, grifo da autora), os discursos dessas propostas também buscam [...] determinar os discursos dos professores, em prol da estabilização

de um sentido único de currículo” (p. 178). Assim, os discursos abaixo apontam:

Quais as suas considerações sobre o currículo que tem sido desenvolvido nas aulas remotas? (pergunta)

-Bem desenvolvido organizado, Claro e fácil de ser usado (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA ROJÃO, 03/11/2020)

-Muito bom. Apesar de conseguirmos atingir um pouco mais de cinquenta por cento da turma (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA ZABUMBA, 02/11/2020).

Esses discursos, buscam imprimir um caráter de conformação à simplificação ou redução do que se configura currículo a uma plataforma ou programa digitalizado “claro e fácil de ser usado”, mas que apesar de “muito bom” como ressaltou uma das professoras não atinge o objetivo do ensino que é a aprendizagem de todos/as os/as alunos/as, evidenciando, paradoxalmente, no mesmo discurso de conformismo a esse modelo curricular apresentado por esses programas, o fracasso do mesmo por não se aproximar e nem se adequar as muitas realidades e necessidades subjetivas dos/as alunos/as.

Nesse sentido, paradoxalmente, ao valorizar o pensado pelos programas de ensino tomando como se fosse o currículo propriamente dito, sinalizam também, em seus discursos, a impossibilidade de este acontecer sem a dimensão curricular vivida, esse “apesar” denuncia o fracasso dessas propostas, mas também a preocupação da necessidade do currículo para fazer sentido se materializar enquanto aprendizagens nas/com as vivências dos/as alunos/as.

Nessa direção, a preocupação com as necessidades e o desenvolvimento da aprendizagem dos/as alunos/as emergiu, como uma dimensão curricular preponderante na construção dos sentidos de currículo pelas professoras em suas práticas curriculares remotas nesse cenário:

Tento levar para as minhas aulas remotas uma clareza dos conteúdos e desenvolver trabalhos e atividades para que os alunos desenvolvam e aprendam melhor (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA ROJÃO, 03/11/2020).

Desafiador, pois estamos constantes nos reinventando para atender melhor os nossos alunos/as de maneira que os mesmos não sejam prejudicados. (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA BAIÃO, 02/11/2020).

Com base nisso, o currículo se encontra num jogo de negociações que as professoras vão sinalizando a partir dos inúmeros esforços e tentativas de mobilizar os conteúdos e atividades curriculares, buscando atender as demandas dos programas de ensino e as demandas que emergem das necessidades dos/as alunos/as, essas por último imprevistas e conflituosas, implicando singularidades ao modo de dar vida ao currículo em suas práticas.

Atrelada a essa marca discursiva emergiu também discursos de responsabilização, o jogo de busca “pelos culpados” em razão do desenvolvimento dos/as alunos/as que permeou os discursos curriculares das professoras se apresentou, em muitos casos, como “insatisfatório”, no que diz respeito aos resultados estabelecidos, pelas demandas avaliativas dos programas de ensino, não corresponderem aos resultados alcançados cotidianamente pelos/as alunos/as.

Nos discursos das professoras, essa responsabilização nesse cenário recaiu de forma preponderante sobre a relação da família na organização e desenvolvimento das atividades curriculares escolares em casa, conforme apontado no discurso a seguir:

Não tem sido fácil, pois as famílias, em sua maioria, não têm assumido uma postura colaborativa, não prezam por uma rotina de estudo, não exigem que as crianças cumpram com as atividades, porém eu entendo que não é fácil para elas também, pois as crianças não estão em um ambiente propício, as famílias não têm a habilidade de lecionar, não tem uma aula interativa, em que possam tirar suas dúvidas em tempo real, muitos não têm ferramentas à disposição. Enfim, tenho a sensação de que estou postando aula apenas para cumprir um protocolo. (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA PÉ-DE-SERRA, 02/11/2020).

A demanda por acompanhamento, que a escola historicamente pediu à família, está presente e a marca de sua ausência ainda mais perceptível (NAPOLI, 2020), deixando ainda mais visível uma problemática que políticas curriculares com pretensões de homogeneizar todas as escolas a uma única proposta curricular buscam ocultar, a “[...] de que a desigualdade social associada à educação não é decorrente de um registro intrinsecamente pedagógico”. (LOPES, 2018, p. 25).

Como podemos pensar em educação quando as casas dos/as alunos/as não têm computadores ou cobertura de internet de qualidade para acesso ilimitado aos inúmeros meios digitais que demandam a educação

virtualizada? Quando o nível de escolaridade dos adultos próximos é baixo, muitas vezes inferior ao das crianças para conseguir acompanhá-los? (MACEDO, 2021).

Se há desigualdades no sistema educativo – e essas desigualdades existem – isso se deve ao investimento diferenciado na carreira do professor e nas condições de trabalho nas escolas, nas condições de vida das famílias e nas condições de estudo dos alunos e alunas. Assim, não é necessário que todas escolas tenham o mesmo currículo: o currículo precisa fazer sentido e ser construído contextualmente, atender demandas e necessidades que não são homogêneas. (LOPES, 2018, p. 25).

Frente a isso, se apresentou também como marca nos discursos curriculares das professoras a exaustão docente (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020), em virtude dos esforços para atender as exigências e imposições curriculares dos programas de ensino virtualizados, mesmo percebendo que tais materiais não atingem as realidades dos/as alunos/as num contexto caracterizado por “muito trabalho remoto”. (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA ZABUMBA, 02/11/2020), associado a “[...] ideia do trabalho sem pausa, da produtividade sem limites e de uma disponibilidade quase absoluta às demandas do tempo presente [...]”. (idem, p. 13). Tais questões reverberam em preocupações em torno do aprofundamento dos processos de precarização das condições de trabalho docente no cenário pandêmico da COVID-19.

Intensos conflitos, já que por um lado é rico com tantos aprendizados por outro lado é muito difícil a demanda de trabalho e a angústia de trabalhar tanto e o resultado ser tão limitado, pelos vários problemas de não conseguir o empenho satisfatório do aluno pelas várias limitações ocorridas. (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA ARRASTA-PÉ, 02/11/2020).

Nesse cenário, percebemos discursos conflitantes a partir da preocupação em atender as demandas emergidas pela remotização do trabalho docente, vista por um lado como experiências curriculares formativas, e por outro como ação que ampliou e intensificou as demandas de trabalho à prática docente, atrelada a um sentimento de frustração com o seu próprio desenvolvimento profissional por não conseguir atingir com os/as alunos/as resultados esperados e impostos ao desenvolvimento do seu trabalho nesse cenário.

Em relação às ferramentas tecnológicas, meu trabalho está sendo desenvolvido de forma satisfatória, mas não me acostumei ainda a ensinar sem as relações interpessoais. Sinto falta dos abraços e beijos, das conversas paralelas na aula, de acompanhar o avanço diário e real dos meus pequenos. Tem sido muito difícil tentar alfabetizar à distância. Sei que tenho dado o melhor de mim, mesmo considerando insuficiente. (QUESTIONÁRIO, PROFESSORA XOTE, 02/11/2020).

Diante do exposto, o sentido de currículo mobilizado pelas professoras não obedece a um sentido único e nesse cenário se mescla os desafios e as complexidades que emergiram com o cotidiano de confinamento e distanciamento social, no entanto, isso não significou o aprisionamento da vida curricular em sua totalidade, sua existência ainda pode ser percebida a todo tempo, sendo politicamente negociada nos esforços e tentativas das professoras frente ao processo de ensino-aprendizagem remoto, mesmo quando se pareceu impossível ensinar-aprender nesse contexto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos discursos das professoras, foi possível perceber que suas atuações estiveram atravessadas por diferentes discursos políticos conflitantes, demonstrando que apesar de um cenário que impôs isolamento aos seus corpos, a produção de suas práticas curriculares não estivera submetida em sua totalidade a práticas discursivas de isolamento curricular (MORGADO; SOUSA; PACHECO, 2020).

Na busca por formas de acolher a realidade dos/as alunos/as, ultrapassaram os modos que lhes eram impostos como os “melhores” e partiram para construção de um currículo com o que era possível e fizesse sentido diante da realidade de cada aluno/a, tomando a produção do currículo nesse cenário “[...] como um movimento político que depende inequivocamente das suas condições de emergência”. (MENDONÇA, 2014b, p. 748).

Nessa direção, apesar do acirramento de mecanismos de controle, das tentativas políticas de apagamento das diferenças e de diminuição da vida curricular via digitalização do currículo, pôde-se dar vida a um currículo que fizesse sentido com o pensar-viver cotidiano escolar nesse contexto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de; LEITE, Carlinda; SANTIAGO, Eliete. Um olhar sobre as políticas curriculares para a formação de professores no Brasil e em Portugal na transição do século XX para o XXI. **Revista Lusófona de Educação, Porto**, Portugal, v. 23, p. 119-135, mar. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262480802_Um_olhar_sobre_as_politicas_curriculares_para_formacao_de_professores_no_Brasil_e_em_Portugal_na_transicao_do_seculo_XX_para_o_XXI. Acesso em: 06 ago. 2021.

ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de et al. Práticas curriculares-avaliativas: relações de interdependências no processo de significação. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, p. 431-451, dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9936>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ARAÚJO, Kátia Costa Lima Corrêa de. **O debate da política curricular para a formação de professores e os sentidos do estágio supervisionado (1996-2006)**: demandas, antagonismos e hegemonia. Orientadora: Márcia Maria de Oliveira Melo. 2015. 234 f. Tese (Doutorado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/15332>. Acesso em: 06 ago. 2021.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Práticas-políticas curriculares cotidianas como possibilidades de resistência aos clichês e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Linhas Críticas**, v. 23, n. 52, 2017, p. 524-537. ISSN: 1516-4896. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/19419>. Acesso em: 06 ago. 2021.

IQE – INSTITUTO QUALIDADE NO ENSINO. Programas. 2017. Disponível em: <http://www.iqe.org.br/programas/programas.php>. Acesso em: 29 maio. 2021.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

LOPES, Alice Casimiro. Apostando na produção contextual do currículo. In: AGUIAR, Márcia Angela da S. Luiz; DOURADO, Fernandes. **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas**. [Livro Eletrônico]. Recife: ANPAE, 2018. Disponível em: <https://anpae.org.br/BibliotecaVirtual/4-Publicacoes/BNCC-VERSAO-FINAL.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MACEDO, Elizabeth. #Stayathome #Fiqueemcasa: Opportunities for new governances of public education in Brazil. **Prospects**, v. 50, p. 10-22, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33531718/>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MELO, Maria Julia Carvalho de. **Ações articulatórias nos movimentos de recriação das práticas curriculares coletivas dos professores do ensino fundamental**. Orientadora: Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida. 2019. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35261>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MELO, Maria Júlia Carvalho de; ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de; LEITE, Carlinda. Práticas curriculares coletivas de professores do 1º ciclo da Educação Básica de Portugal. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 2006-2021, out./dez. 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i4.12714>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12714>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MENDONÇA, Daniel de. A impossibilidade da emancipação: notas a partir da teoria do discurso. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. **Pós estruturalismo e Teoria do Discurso**: em torno de Ernesto Laclau. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014a.

MENDONÇA, Daniel de. O momento do político: evento, indecibilidade e decisão. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 745 a 771, 2014b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/g3vWcqxptM-pHRK4WhN5KhNh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MORGADO, José Carlos; SOUSA, Joana; PACHECO, José Augusto. Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016197,

p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16197>. Acesso em: 10 ago. 2021.

NAPOLI, Pablo Nahuel di. Convivência virtualizada entre escola e lar em tempos de pandemia: uma reflexão sócio-educativa, **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 23, p. 1-6, e-2020.15510.209209225352.0521, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15510>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, Maria Angélica da. **Práticas de traduções curriculares docentes: rastros do currículo da formação de professores**. Orientadora: Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida. 2020. 258f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37716>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SILVA, Maria Angélica da; GONÇALVES, Crislainy de Lira; ALMEIDA, Lucinalva Andrade Ataíde de. Sentidos de Prática Curricular: uma construção cotidiana. In: LEITE, Carlinda et. al. **Currículo, Avaliação, Formação e Tecnologias educativas (CAFTe)**: Contributos teóricos e práticos. Porto – Portugal, Ed. CIIE; FPCE; UP, 2018, E-book, ISBN: 978-989-8471-32-1. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/cafte/1cafte/assets/Ebook_CAFTe2018.pdf. Acesso: 10 ago. 2021.

SIMPLIFICA. 2021. Disponível em: <https://www.amplifica.me/simplifica/>. Acesso: 29 maio. 2021.